



Gaiato

Quinzenário • 11 de Janeiro de 2014 • Ano LXX • N.º 1822 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Família

EMBORA se fale hoje em novas formas de ser Família, esta só pode ser o lugar onde se transmite a vida. Gerá-la, é só o momento histórico inicial. O seu desenvolvimento, ao longo dos anos, pede aos que nele colaboram, um trabalho permanente e oblativo, sem desfalecimento que lhe ponha fim.

Toda a Família que se constitui, torna-se um campo fértil onde irrompem múltiplos factores, conhecidos ou imponderáveis, do que resulta ser a Família um ambiente que exige permanente aprendizagem e adaptação aos seus membros.

Não haverá espaço humano mais incerto que o familiar. É uma construção humana sempre inacabada, sujeita tanto a ruir como a prosseguir no seu crescimento. Sendo constituída por seres livres, também eles em construção, a coesão que lhe é necessária depende do que lhe dá a consistência.

Muitas vezes vem do exterior. Aliás, os fundamentos mais importantes não se encontram na fragilidade humana. O ser humano, como ser criado, deve procurar a consistência da sua vida no seu Criador. Quando tal não acontece, fica só e debilitado para resistir contra as investidas das dificuldades, que ultrapassam a sua capacidade. Sendo comum, nos dias de hoje, este modo de as famílias encararem a vida, não admira que a hecatombe familiar seja uma realidade.

A ajuda à subsistência de muitas famílias é-nos pedida diariamente. Uma situação recente: uma mãe, acompanhada da sogra, trazendo a intercessão do seu Pároco, veio apresentar-nos o estado da sua família, em risco de ruir. Ela, desempregada; o marido também e em avançado estado de dependência do álcool; os filhos já mais entregues aos avós que aos pais; a sua casa em vias de ser tomada pelo Banco que financiara a aquisição... Na alimentação a família ajudava; nas restantes coisas tinha chegado ao limite. Se não lhes dessem a mão para garantir a posse da casa, iria cada um para seu lado...

Hoje, passados poucos meses em que fomos acompanhando, os olhos que choraram sem esperança, à nossa frente, sorriam de alegria e, se inadvertidamente lacrimejam, é pelo mesmo motivo. Ele encontrou razões para lutar e vencer o vício, tendo já trabalho neste início do novo ano; ela, confiante, sente criadas as condições para que a família se consolide, passadas que estão as tormentas que venceram.

A vida continua e não acaba, se alicerçada nos fundamentos que lhe dão a origem, com subsistência e realização plena.

Boletim

NESTE primeiro número d'O GAIATO de 2014, anexamos o também primeiro número do Boletim do Servo de Deus Américo Monteiro de Aguiar. Terminada que foi, em 1995, a primeira fase do Processo para a sua glorificação canónica, a Diocese do Porto enviou-o para a Santa Sé, sendo aberto no ano seguinte na Congregação para as Causas dos Santos.

A 18 de Outubro de 1997 é publicado o Decreto de validade da sua Causa de Canonização, aguardando-se, entretanto, que seja proclamado Venerável. Após esta, dar-se-á início ao Processo de Beatificação e, depois, de Canonização.

Ainda em vida o Povo o venerava; no seu funeral o manifestou explicitamente; hoje, continua na confiança na comunhão dos santos.

É mais um elo que se cria com este Boletim, iniciativa da Obra da Rua, para aproximar o Povo de Deus a esta Causa, em Igreja querida e estabelecida para congregar a todos em Cristo, que Pai Américo serviu, imerso nela. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

E os nossos irmãos?

É incontornável o crescente fenómeno da globalização. Com efeito, *torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos*, afirmou Bento XVI.

De facto, é no seio de uma família que se aprende a tratar o outro ou a outra como irmão e irmã. A paternidade transcendente universaliza esta relação humana, dando-lhe o seu sentido pleno, pois todo o ser humano é criado para a comunhão e chamado a cuidar dos outros. Há um só Pai, *que está no céu*, e nós somos *todos irmãos*. O acolhimento do próximo decorre, assim, dos pilares da família natural e do modelo da família de Nazaré.

Há múltiplos sinais que nos questionam sobre as crises de fé e de valores no mundo actual. Uma certa opinião pública vai pressionando a Igreja para que esmoreça no anúncio do Evangelho autêntico. Especialmente os mais novos precisam de saber

exactamente, como do pão para a boca, onde está a verdade e o que é a Verdade. Isto exige muita coragem e firmeza de princípios e compaixão por todos. As confusões em torno da célula básica da sociedade são disso exemplo flagrante. O pluralismo de situações, no relacionamento humano e em mentalidades diversas, vai fazendo moessa num sonho real, belo e estruturante do equilíbrio social. Os cristãos não podem, pois, pactuar com a destruição da família. Aliás, as consequências dos desvios morais e desvarios das injustiças económicas estão bem à vista, na baixa da natalidade e no crescendo da conflitualidade social. A criação do ser humano é uma obra *muito boa*. Entretanto, Caim rejeitou Abel e *lançou-se sobre ele*. Porém, foi interpelado: — *Onde está o teu irmão?*

Também se pode descobrir o cerne da relação fraterna com as perdas familiares efectivas e afectivas, quando se é atirado para a lama como Job.

Continua na página 3



Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.
2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»
3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»
4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»
5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»
6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»
7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»
8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas misérias».
9. Acrescentamos ainda o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A POBREZA E A CABEÇA — Grande parte das pessoas acompanhadas pela nossa Conferência têm problemas que, de uma forma ou doutra, fazem com que não sejam capazes de orientar as suas vidas como deve ser. Isso, por vezes, liga-se com situações de carência económica, mas nem sempre. Alguns dirão que essas pessoas são pobres porque querem. Outros dirão que são pobres porque não têm juízo. O que essas pessoas são hoje, é muito o resultado dos pais que os geraram, da educação que tiveram e do meio em que cresceram. Não adianta muito estarmos a atirar culpas pessoais, mas sim cuidar do que estiver ao nosso alcance ajudar.

A boa parte deles providenciamos ajuda para o alojamento, recorrendo às Casas do Património dos Pobres, de cuja manutenção vamos cuidando. Também providenciamos ajuda para os medicamentos e alguma outra ajuda material pontual. Fazemos a visita domiciliária e aconselhamos ou admoestamos, para tentar que alguns maus hábitos mudem. É muito difícil conseguir que assim seja. Temos os que são asseados e cuidam bem do que se lhes confia, seja alojamento ou sejam ajudas doutro género, mas também temos quem não é assim. A estes que fazemos? Pomo-los na rua? Se é muito difícil educar crianças e jovens a saberem orientar a sua vida como deve ser, com os recursos que actualmente eles têm à sua disposição, que será com quem já é adiantado na idade e nunca conseguiu ser doutra maneira?

Os tempos que correm vão ao jeito de haver cada vez mais pessoas sem “cabeça” para orientarem as suas vidas como deve ser, a começar logo desde que são jovens. É uma pobreza muito difícil de combater, mas parece ser a que vamos ter cada vez mais pela frente nos tempos que aí vêm.

Que Deus nos ajude a saber como lidar com ela, prevenindo-a sempre que for possível, mas também não lhe virando a cara, quando já não houver remédio. □

ANO PASSADO

Padre João

HOJE é o último dia deste ano de 2013. Dia de acção de graças; de louvor e prece. A vida que Deus nos concede é um dom permanente que merecemos pela Sua misericórdia infinita. Hoje também deveria haver lugar para a reflexão e avaliação da vida de cada um e de todos. Muita gente “esgota-se” numa passagem de ano de forma insensata, sem discernimento e nada muda em si nem à sua volta.

Faz-nos bem “folhear” o calendário para trás e procurar descobrir os sinais positivos e negativos da nossa caminhada pessoal e comunitária ao longo do ano. Dois factos que emergem de imediato à consciência, de forma positiva, foram, a nível eclesial, a renúncia de Bento XVI e a eleição do seu sucessor, o Papa Francisco. O acto corajoso do primeiro não pode deixar de ser tido como um acto de grande lucidez, dignidade e humildade — a virtude dos “homens grandes”. Também a aceitação do papado pelo então Cardeal Arcebispo de Buenos Aires, Mário Bergoglio, foi outro grande gesto com as consequências positivas para a Igreja e para o mundo, que todos podemos observar. A morte de Mandela foi também acontecimento, na comunidade internacional, muito sentido e que se revestiu de grande importância, deixando o mundo mais pobre. A interminável guerra da Síria, com o seu cortejo de vítimas inocentes, não pode deixar de constituir acontecimento negativo e sem fim à vista, neste plano internacional.

Entre nós não se podem esquecer acontecimentos relacionados com as crianças e idosos, vítimas de abandono ou de maus-tratos. Ainda temos na memória aqueles dois meninos irmãos, o David e o Ruben, encontrados mortos num carro em Oeiras e de que imprensa tanto falou. O acidente no IC 8 que tanta dor familiar causou... Ultimamente não se tem falado dos velhos em estado de abandono por essas aldeias fora e nos perímetros isolados das zonas urbanas... a estatística anda ocupada com outras “contas”, à conta da crise. Queira Deus seja um “sinal mais” de sensibilidade social. Mas a crise que se instalou entre nós, continua a vitimar os mais frágeis e pobres. A seu tempo o cômputo falará.

Sobre este assunto, na Festa da Sagrada Família, pelo Natal, se pronunciou de forma contundente, como sempre, o Papa Francisco: «penso que um sinal para saber como vai uma família é ver como nela são tratadas as crianças e os idosos».

Há uns tempos atrás, a GNR identificou mais de quinze mil e quinhentos idosos a viverem sozinhos. Muitos deles ligam com frequência aos referidos militares, só para sentirem companhia. Certamente o número deve ter subido e, oxalá, a qualidade do acompanhamento tenha melhorado e merecido maior atenção da parte de todos os responsáveis... Alertas de um ano que termina com muitos gritos de ansiedade, enquanto se espera um ano novo melhor, porque a esperança, como se diz, “é a última a morrer”. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Osvaldo

FÉRIAS — Alguns dos nossos Rapazes foram passar uns dias a casa dos familiares. Nós, que ficamos, vamos ter trabalhos, mas também tempo para nos divertirmos. Tudo é para nosso bem. Esperamos que todos aproveitem as férias e reflectam para que as coisas andem bem.

NATAL — Fizemos uma festa na véspera de Natal, no nosso salão. Vimos filmes do Menino Jesus e os Rapazes fizeram um teatro sobre o

nascimento do Menino. No final, cantamos e fomos para o refeitório tomar o cacau. Depois, os Rapazes receberam as prendas. Ficaram contentes e gostaram delas. Uns gostaram mais dos ténis; eu gostei muito do MP3 que recebi, porque gosto de ouvir música. Agradecemos aos nossos Amigos que nos deram as prendas que distribuimos neste Natal.

TIPOGRAFIA — Já temos a funcionar a nova máquina de

impressão digital, para podermos fazer mais trabalhos para nós e para todas as pessoas que queiram fazer-nos encomendas. Estamos ao dispor dos nossos Amigos para apresentarmos os nossos orçamentos. O nosso trabalho é variado e de qualidade.

POMAR — As nossas laranjeiras e tangerineiras estão carregadinhas de fruta. Algumas tangerinas foram apanhadas para serem servidas à sobremesa. Os dióspiros já foram colhidos e servidos nas nossas refeições. Os limões vão sendo apanhados quando são precisos na cozinha para os temperos. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

JANTAR DE NATAL — O jantar convívio da Associação, realizado no sábado, 14 de Dezembro, no restaurante *Popular* no centro de Penafiel, pretendeu transmitir uma mensagem de esperança e boa vontade imbuída no espírito familiar e fraternal, que se deseja renovado a cada ano e reforçado para o ano inteiro. Estiveram quase cinquenta associados presentes, mas sentimos que muitos mais o estiveram em espírito.

Fizemos questão que estivesse presente na ementa o tradicional prato de bacalhau, assim como muito calor humano e, ainda, uma animada troca de presentes entre todos. E não é demais referir que a animação musical esteve a cargo do nosso bem afinadinho grupo musical, dirigido pelo presidente Miguel.

Desejo a todos os antigos gaiatos espalhados pelo mundo, os votos de continuação de Festas Felizes e uma boa entrada no Novo Ano, cheia de Amor, extensível a todos os colaboradores, amigos e benfeitores da Obra da Rua, onde quer que estejam, pois serão parte presente da nossa *Família*.

JANEIRAS — o nosso grupo musical, anda pelas instituições e lares de antigos gaiatos que nos quiseram receber, a cantar as tradicionais *Janeiras*. Esperamos também poder ir à Câmara Municipal de Penafiel, desejar um ano cheio de muitas realizações, especialmente ajudando a área social do nosso Concelho, pois toda a ajuda é sempre pouca, para tantos munícipes carenciados. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

NATAL 2013 — A solenidade do Natal do Senhor, deste ano, foi celebrada nesta Família, como é tradicional, com simplicidade e alegria. Fomos buscar musgo aos nossos montes e fizemos um lindo presépio, no corredor por baixo da casa-Mãe, com muitas imagens e luzinhas. O sítio central é uma gruta interessante com o Menino Jesus, a Virgem Maria e S. José. Na véspera de Natal, o Sr. Padre Rolando deu-nos uma catequese sobre sinais natalícios. No nosso refeitório, bem enfeitado para a quadra, decorreu a nossa ceia de Natal, com o tradicional prato de batatas com bacalhau e arroz doce.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Dezembro, 30.250 exemplares

Depois, pelas 23.00h, celebrámos a linda Missa da noite de Natal, na nossa capela, concluída com o beijar do nosso menino mais pequeno. Pela meia-noite, voltámos à sala de jantar para uma refeição de leite com pão e bolos; e recebemos as nossas prendas, tão desejadas, em sacos que levámos para os nossos quartos, onde adormecemos assim mais felizes!

AGROPECUÁRIA — O tempo chuvoso, no final do ano, não impediu de terminarmos a exigente apanha da azeitona, nas restantes oliveiras; pois, com as férias escolares, a maior parte dos Rapazes ajudaram nesta tarefa, concluída na encosta junto à rotunda Padre Américo. Na oficina, foram conservadas e ensacadas para depois serem levadas ao

lagar. Depois, aproveitámos para ir debulhando mais milho; e depenar 20 frangos. O Diogo Madeira é o gadeiro de serviço.

VISITAS A PARENTES — Como é tradição, depois do Natal, neste ano, duas dezenas de Rapazes foram visitar familiares seus. Partiram da central de camionagem, em Coimbra, e levaram nas bagagens arroz para esses dias. Outros ficaram na nossa Casa, ocupados em tarefas domésticas e agrárias e também a brincar.

DESPORTO — A 22 de Dezembro, Domingo, de manhã, no nosso campo grande, num desafio renhido, defrontámos um grupo de escuteiros da Pampilhosa (do Botão), que nos visitaram. □

SINAIS

Padre Telmo

DESLUMBRA este manto de capim nas colinas, morros e vales. Veio uma chuvinha e lavou-o. Viceja.

Hoje, céu azul e calor. Um azul que nos atrai e conforta.

Estamos preparando o nosso Natal. Aquela preparação que comanda a feitura de bolinhos e da árvore de Natal — como anúncio de prendas.

Os nossos gaiatos, como de costume, fizeram o presépio: figuras, casas, gruta do Menino, cavalos, Herodes no seu palácio e o pastor com suas ovelhas. Este ano, colocaram mais um Rei Mago. Não sei onde o foram desencantar!

Como de costume, será a Celebração e a ceia; depois desta, distribuição de prendas. Será o auge. Serão as surpresas!

Se não for um carrinho que ande sozinho, boneco que ri e avião com apito e luzes... vão longe os carrinhos de lata, feitos por eles e que lhes davam tanto gosto e alegria.

— Dê-me uma pilha, meu carro parou.
— Meu teleguiado estragou. — Com lágrimas redondas. Carrinho de lata, com molas e tudo — não estragava; mais, resistia às corridas no largo de alcatrão.

* * *

TAMBÉM há Natal nas missões, bem vivo, embora com presépios simples. Nas cidades, alguns cristãos colocam o seu presépio num lugar distinto; porém, outros, num lugar discreto.

Árvore e brinquedos! Isto, sim. Bebidas e ceia — é a preocupação dominante: beber, comer e conviver...

Tantas igrejas nesta Angola! As cristãs celebram o Natal — o nascimento de Jesus. E as outras? As seitas terão alguma relação com Jesus? Deus sabe.

Para os cristãos perseguidos, o Natal será uma bênção, uma esperança.

Os que têm fé, alimentarão a esperança das suas vidas com Ele, no tempo e na eternidade. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

IR para a rua no Inverno, é uma tragédia indescritível. Só o medo de que tal poderá acontecer, mesmo quando se está coberto de telhas, já causa um incómodo tão perturbador, que não se é capaz de cuidar de nada, muito menos de dormir. Os nervos tomam conta das pessoas e a pressão psicológica arrasa mais que o próprio frio e o temporal.

Soube que uma família de quatro filhos, se abrigou da chuva e do vendaval no quartel dos Bombeiros.

Ela, a mãe de família, anda atrás de mim desde o Verão, para que lhe arranje uma casa.

— *Oh mulher!* — Disse-lhe dezenas de vezes. — *Arranje uma casa, que eu pago-lhe a cau-*

ção e o primeiro mês de renda.

Eles não trabalham. Também não encontram serviço com duração e segurança. Só às quinzenas e no tempo da azeitona, da vindima ou outras tarefas esporádicas pagas sem recibo. Mais... não foram educados no trabalho e o jeito para a função é muito reduzido. Cresceram naquele período cultural e político em que se proibia às crianças e adolescentes fazer qualquer tarefa; e toda a comunicação social falava, sem fazer distinções ou discernimento acerca da proibição do trabalho infantil, de forma que às crianças e aos adolescentes nem sequer fazer a cama ou pôr a mesa lhes poderia ser imposto. *A criança é para a escola e para a brincadeira* — propagandeavam

os bem instalados, julgando que todas as crianças teriam na vida futura as mesmas condições que os filhos deles.

Agora, homens e mulheres feitos, os mais pobres arrastam uma vida marginal, sem saída, levando os filhos para uma desgraça avassaladora, sem que ninguém lhes ponha travão.

É evidente que o nosso sentimento pede que lhes dêmos uma casa. Mas surge outra dificuldade: — Quem os irá ensinar a viver na higiene e na limpeza e em ordem, numa casa que lhes dêmos? Quem? — Aqui está um mundo de dificuldades insuperáveis!...

Quem prega, hoje, que é preciso cuidar dos pobres? Sim. Quem prega? E quem o faz com a autoridade que lhe vem de ele próprio cuidar dos pobres? Quem?

Aparece agora o Papa Francisco

a escrever, a falar e a fazer... mas quem O ouvirá com ouvidos de ouvir e começa a pô-lo em prática?

Levados pelo amor de Deus, o qual irradia sempre para os homens, ao longo das gerações, muita gente doou a sua vida aos pobres, consagrando-se na pobreza. Mais perto de nós, Frederico Ozanan, para provar a força da sua fé, iniciou com os seus colegas universitários, esse admirável movimento que se chama *Confissões Vicentinas de São Vicente de Paulo*, cuja prática e mística é visitar e assistir aos pobres nas suas próprias casas.

Infelizmente, a experiência prova à saciedade, que o Estado, com a sua filosofia laica, não tem capacidade para socorrer, com paciente eficácia, os que se encontram em tal estado de *periferia humana*.

Se dar uma casa a uma família é uma grande obra de caridade, de muito maior valor é o hábito compassivo, paciente e repetido ao longo dos anos, com os ocupantes a quem se deu um abrigo, para lhes fazer descobrir a sua dignidade humana e, com a Graça de Deus, sua filiação divina. Para reabilitar uma família, é preciso um

trabalho persistente, sustentado sobretudo pelo amor escaldante do Deus-vivo.

O Padre Américo foi um grande entusiasta da actividade vicentina. Ele próprio descobriu o seu caminho apostólico na visita pessoal aos pobres. O mesmo me tem acontecido a mim. Mais ainda, o Padre Américo foi, como muitas personalidades eclesíásticas e leigas afirmaram, *um precursor do Concílio Vaticano II*.

É brilhante a sua exortação, «cada freguesia cuide dos seus pobres».

Em termos actuais dir-se-ia hoje, cada paróquia conheça, reconheça e apoie os pobres da sua área.

Não foi assim, não tem sido assim. O caminho teve direcção contrária.

Uma paróquia que vive esta aflicção contínua com os pobres, afasta espontaneamente a **instalação** dos seus membros e do seu pastor. Torna-os activos, aflitos, pobres e apostólicos.

O Papa Francisco, posto por Deus no candelabro de Roma, sente necessidade de visitar e conviver com os pobres e denuncia continuamente o mal terrível da sua e nossa Igreja: **a instalação**. □



VINDE VER!

Padre Quim

Um baluarte seguro

ESCREVO estas notas dentro de uma família numerosa; aliás, como quase sempre acontece. O seu destino pode tomar rumos diferentes. Com certeza, vai chegar às outras nossas Casas. Ela, a palavra escrita, chega também às famílias pequenas — como é o caso dos Leitores e Amigos que nos acompanham pel'O GAIATO. Sem darmos por ela, muitas vezes perdemos de vista o facto de que, quase sempre, a totalidade do que realizamos acontece dentro de uma família. Ela é a instituição primeiríssima que nos recebeu, quando chegámos a este mundo. E quando chegar a hora de partir deste para o outro, ela ainda está presente.

Quando o filho de Deus, nascido da Virgem Mãe, apareceu no mundo, foi no seio de uma família humana; e realizou o mistério da Encarnação, pelo qual Deus feito homem, habita entre nós. É na família que decorrem os anos da infância e da juventude — tempo de crescimento e amadurecimento das mais variadas e riquíssimas dimensões do desenvolvimento humano. É nela que nos afirmamos; é ela que nos protege e ampara nos momentos complicados. Ela é como uma muralha defensora dos ataques externos.

É também no clima familiar que nascem as santas vocações para a messe do Senhor do universo. Embora hoje, com o rosto alterado por profundas transformações a que está submetida, ela continua a ser uma referência inconfundível.

Somos a família dos pobres, dos filhos que, há cinquenta anos, passaram pelas nossas Casas, como para os que hoje nelas se encontram. A família é insubstituível. A ela pertencem todos os Rapazes e suas famílias, para os que já as têm formadas e para os que as vierem a formar, segundo a ordem natural das coisas.

Recebemos, com muita alegria, a notícia de que os nossos gaiatos mais velhos, alguns acompanhados de suas famílias ou parte dela, virão de Portugal para celebrarmos juntos o jubileu dos cinquenta

anos das nossas Casas de Angola. E, por esse facto, reajustamos as datas dos dias de festa. Assim, no dia 2 de Fevereiro será a festa em Malanje e no dia 9, do mesmo mês, a festa em Benguela, dando tempo para as deslocações e a convivência alegre e fraterna nas nossas duas Casas, naquilo que chamo: o encontro entre os irmãos da mesma Família.

O convívio entre as várias gerações de Rapazes. Os mais novos ladeados e acariciados pelos maiores. — Pai Américo diria nesta ordem de ideias. «Nos braços dos maiores aninham-se os “Batatinhas”». — Os nossos príncipes! E ainda os maiores a cuidar dos mais pequenos; estes dão àqueles a ternura de irmãos mais novos. São as tais razões do coração que a razão não compreende, e jamais compreenderá.

O Cacinda, o príncipe da Aldeia, quer estar no colo dos maiores, eu temo as brincadeiras que lhe fazem, quando é elevado pelos irmãos. Mas o amor é mais forte que os meus temores. O amor que hoje recebe, saberá dar amanhã, quando for pai. Somos a família que prepara o futuro de novas famílias.

Nestes dias, como é tradicionalmente conhecido, depois das festas natalícias passadas em Casa, os Rapazes têm a possibilidade de passar o primeiro de Janeiro, e os primeiros dias do ano novo, com os seus parentes. E começaram a aparecer: para uns, os tios; para outros, a mãe, a avó, os padrinhos a levar os rapazes consigo, para conhecerem também o modo de vida lá fora.

A educação é um processo contínuo que exige cooperação de todos. Da família de fora como da dentro, onde o Rapaz passa a maior parte do tempo. Este ano, a saída para junto dos parentes é uma prenda para os que ficaram aprovados no ano escolar. Os reprovados, ficarão a trabalhar no campo, durante o tempo de férias escolares. E já dizem eles mesmos: — para o ano não quero perder a oportunidade de estudar, para merecer este e outros mimos, que a família prepara para esta altura do ano.

Os mais novos levam vassouras para limpar e baldes para regar; os maiores, enxada na mão para cavar terra. E animados vão ultrapassando esta fase de turbulência — em plena adolescência — para serem homens.

O regresso aos valores perenes da família, é *progresso social* em todos os tempos da história. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Por estes dias de celebração da Natividade, um quarteto de notas simples, que testemunhámos e podem ilustrar o significado da humanidade nova criada por Jesus, *a nossa paz*, por meio da Cruz.

Um desses momentos aconteceu numa sala de espera para uma conferência judicial, envolvendo dois filhos que regressaram à família biológica, pois o reagrupamento familiar vai-se realizando. A ultrapassagem da hora prevista, por sobrecarga e complexidade dos casos anteriores, deu azo a um encontro prévio mais dilatado, em que o pequeno Victório não escondeu saudades da comunidade, dizendo, a sorrir: — *E os meus irmãos?* Entretanto, foi desfiando vários nomes de companheiros que deixara. Quando foi recebido, com 4 anitos, não conseguia sequer subir as escadas da casa-Mãe; e, afinal, outros tantos anos passados nesta Família foram suficientes para perceber um vínculo essencial entre as pessoas, para além do sangue.

Também forte foi outro encontro, de uma anciã que chegou ao nosso átrio e veio picar-nos e avivar-nos a crueza da solidão indesejada. Ficámos arrepiados e mudos, num face a face, quando deixou descair, na sua amargura, o motivo central da caminhada a este presépio: — *Todos me desprezaram...* Os últimos, no tempo de Jesus, foram os primeiros a receber a notícia do Seu nascimento, indo ao encontro do Emanuel. Na verdade, entre as causas da infelicidade humana estão a carência de saudável ambiente familiar e a pobreza relacional.

E, ainda, chegou de mansinho e ofegante, com o céu cinzento e a lacrimar, uma viúva envolta num xaile negro, cujo esposo partiu na Imaculada, depois de meio século de matrimónio e dois *carros* de vida. Na despedida, ao levar um frango caseiro acabado de depenar pelos rapazitos, esboçou um sorriso e segredou: — *Reze pelo meu filho, desempregado*. No ano findo, verificou-se que, entre aqueles que procuram trabalhar, mais de 120 mil portugueses (muitos deles qualificados) emigraram em busca de oportunidades. Para quê tanto foguetório?

Com o essencial para viver e a riqueza humana, nas famílias, não é justo almejar outras ambições, supérfluas. Trata-se de apontar para um estilo de vida mais sóbrio, verdadeiramente evangélico e dos primórdios: *viviam unidos, partiam o pão em suas casas e distribuíam de acordo com as necessidades*.

Ainda na oitava, na Sagrada Família, fomos chamados a dizer, num ambão, a nossa gratidão a uma comunidade com arrozais e o Mondego à vista, entre outras que nos prendaram com o calor da amizade do coração e a partilha de alimentação para a mesa destes filhos e de outros que conhecemos pelo nome, em tantos sítios que Deus bem sabe.

Se queremos a paz, revistamo-nos das armas da Luz — justiça e caridade. O tempo que aí vem tem de ser de esperança! □

BENGUELA

Padre Manuel António

A Casa do Gaiato quer ser mãe de família...

O amor dos filhos para com os pais é um verdadeiro tesouro. Quem dera seja a resposta ao amor, sem medida, dos pais para com os seus filhos! Não esqueçamos que o amor verdadeiro é sempre gratuito e incondicional. Não se ama uma pessoa porque é boa, mas faz-se com que se torne boa, amando-a. Estou a escrever na Festa da Sagrada Família, verdadeiro foco de luz para a vida familiar do ser humano, em todas as condições sociais. Como é hábito, hoje, de manhã, Domingo, saímos para a praia, com a carrinha cheia dos filhos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. É o tempo de Verão e de calor nesta zona de Angola. Os olhos do povo que circulava pelas ruas da cidade poisavam, com muito interesse e admiração, nos rostos felizes dos

mais pequeninos e mais crescidos. Gera-se, numa forma muito simples e natural, um ambiente de amor. É uma relação fecunda com incidência saudável na vida das crianças e das pessoas adultas que se cruzam com elas. Dão conta do fruto maravilhoso da árvore cujas raízes mergulham no oceano de amor. A Casa do Gaiato quer ser um dos ramos desta árvore que cobre os filhos da rua, abandonados, sem família ou tendo-a, é como se não tivessem.

Um dos momentos gratificantes, vividos neste tempo da Festa do Natal, Festa da Família, foram os telefonemas e outras formas de contacto com os filhos que cresceram e foram educados na Casa do Gaiato, ao longo de muitos anos. Alguns com mais de 50 anos de idade, outros com mais de 60. Não

quiseram passar esta data sem manifestar o seu amor carinhoso para com a mãe que os criou, ao jeito duma família. A Casa do Gaiato quer ser a mãe de família dos filhos que a perderam. Todos os filhos têm as condições necessárias para serem cidadãos normais duma Pátria que necessita de pesos vivos e não pesos mortos que a ajudem a desenvolver-se. Ouvem, muitas vezes, a título de estímulo positivo, a afirmação de que devem aproveitar o benefício da Casa do Gaiato, pois a maioria das crianças, adolescentes e jovens, ainda não têm as oportunidades que eles estão a gozar. É uma chamada de atenção à responsabilidade de cada um. Ajudar cada rapaz a ser um homem, é o objectivo fundamental da nossa missão. Tem que querer, pois, doutro modo, não será

possível. Sem o dinamismo participativo no projecto da educação não há resultados animadores. O que acontece com estes filhos dá-se, também, com todos os que vivem debaixo da responsabilidade dos pais.

O segredo do êxito, no campo da educação, está na perseverança do educador, alimentada pelo amor que gera a paciência e a esperança do bom resultado. Quantos pais desanimam no serviço da educação dos seus filhos?! Somos testemunhas. Muitos batem à porta da Casa do Gaiato a pensar que temos o remédio para a cura dos males dos seus filhos. É na farmácia dos seus corações de pais onde, em primeiro lugar, devem buscar todas as tentativas de solução dos problemas. É necessário, sem dúvida, muito amor para tentar superar comportamentos grosseiros, atitudes antipáticas e outros modos indesejáveis.

A tentação de se demitirem desta missão está constantemente a bater-lhes à porta. Mas não! Sabemos quanto nos custa este esforço! O ano lectivo terminou. Tentamos acompanhar, o mais possível, os filhos estudantes. Apesar de tudo, houve alguns falhanços. Não podemos desanimar. A tentativa da busca de novos caminhos é uma solução.

Quero agradecer, de todo o coração, a presença das pessoas amigas com suas lembranças, suas ajudas, nesta fase muito dura da nossa vida. Continuamos à espera do fruto do vosso amor verdadeiro, gratuito e incondicional. Os 50 anos de vida da nossa Casa do Gaiato de Benguela são um capital humano e espiritual para continuar a render, debaixo da responsabilidade de todos nós. Vós e nós. O Pai do Céu está presente, como a garantia segura. Com votos dum Ano Novo cheio de paz e alegria para todos vós. □

MALANJE

Padre Rafael

O Natal é um dia familiar, que especialmente não me diz absolutamente nada, desde há muito tempo. Se eu disser a verdade, em pequeno gostava um pouco, porque recebia alguns presentes; embora fossem da Cruz Vermelha, porque em casa as coisas não iam bem.

Ainda me recordo de como a minha mãe ficava muito triste, porque a sua mãe já não vivia e de algum modo já não estava toda a família. E desde há alguns anos a compreendo melhor, porque agora se passa o mesmo comigo... Nossa sorte é estar rodeado de crianças, que são quem realmente alegra estes dias... no nosso caso mais de cem.

Aqui, são precisos quase vinte dias para preparar o presépio de Belém, feito de barro pelas suas próprias mãos — todos os anos é um diferente. Depois, decorar o refeitório e a casa-Mãe, onde vivem os mais pequenos. O ensaio dos cantos para as Missas, ontem até

às dez e meia, na Capela. É praticamente impossível não se ser contagiado por este ambiente de Festa.

Por outro lado, os Gaiatos que nos vão visitando... Uns com alguns presentes como: jogos, alimentos, donativos. Outros para pedir, porque não têm nada. Sempre uma Casa aberta — sempre com sabor familiar.

Muitas pessoas amigas vêm trazer seus presentes. Os mais próximos perguntam-nos do que mais necessitamos, pois sabem de tudo. Muitos deles levam apenas um sorriso, um café, um beijo ou um abraço.

Gostaria muito que nestas férias nos deixássemos conduzir pelas mãos de alguém — se for um menino, melhor — e dar uma passeio. Sentir, por um momento, que somos levados pela mão de alguém — e que não somos nós quem controla a situação. Sentirmo-nos, por

momentos, débeis e necessitados. Sentirmos que não somos nós quem dirige o caminho... Só o sentiremos, de verdade, quando deixarmos de ser indiferentes...

E, sobretudo, continuo sem gostar do Natal... mas gosto de celebrá-lo como quem celebra de coração sincero... Há um Natal que se celebra com os de fora e há um Natal que se celebra com os de dentro. Assim, muitas vezes, é mais festa dentro do que fora. Por ti, que vives dentro, vou fazer uma festa grande com os que vivem fora.

Ninguém sabe com certeza quando nasceu o Menino Jesus e a Igreja escolheu este dia para O celebrarmos juntos... mas não te esqueças que Ele nasce no dia em que cremos que o Amor tem a última palavra... E, agora, com tua licença, vou preparar-me para fartar-me de ver sorrir, cantar e bailar esta Família que escolhi — a Casa do Gaiato. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

PASSOU o Natal. Angústia, cansaço, perturbação da atmosfera, alegrias de ver chegar, buscar e levar partilhas. Um atropelo constante que não deixou repousar, saborear e vivenciar este tempo a que tanto chamam de Paz.

Com as férias os rapazes dividiram-se pelas oficinas e pelo campo. Muita manga, papaia e hortaliças a recolher. Trabalhos importantes e volumosos na carpintaria e serralharia. Eles são muitos, mais alguns que chegaram de férias. Uns no Hospital com assistência permanente. Na nossa Casa Esperança, também foi preciso colocar outros, já candidatos a estudos de saúde ou em férias, a reforçar.

Ensaio de cânticos de Natal todos os dias à noite depois da oração, enriquecida pelos chefes das Casas com um pedido pela Paz, seguido de um cântico. O Presépio só esteve pronto na última semana. Enfeites no refeitório com luzinhas e no jardim, uma árvore de Natal, uma tuia que nos liga ao berço da Obra, cheia de luzinhas e prendas, a que foi preciso montar

guarda permanente, já se sabe porquê.

Leitura diária dos jornais, na ânsia de encontrar sinais promissores de tempos novos. Mas sempre os mesmos actores a repetir até ao enfado a mesma cena. Nem o bom senso, nem a prudência nem nada se viu até agora. A estória começa a ser burlesca. E não fossem os sacrificados e os desorientados e os prejudicados, é como ver correr as águas para o mar, de um lugar seguro.

O fechar de contas de pequenos projectos, o emendar novos para termos o que fazer por quem sangramos; o esperar que ao banco cheguem depósitos entregues na origem, há semanas, para pagar o que precisamos, as despesas da última hora com um contentor de Espanha e não eram habituais, porque até o transporte teve imposto, o descarregar de manhã cedo, porque só às dez da noite saiu do cais. Tudo foi no fim de contas uma salada gostosa para apreciar neste Natal.

A nossa Celebração às dez da noite, com cânticos novos, a participação

já habitual com danças dos nossos e das meninas do Orfanato Halima, fechando com o cântico da Família. Não beijámos o Menino, porque não houve baptizado de recém-nascido. No fim, o testemunho de um casal. Ela com o filho ao colo. Cantaram com vozes distintas e melodiosas uma linda canção a que não me contive de fazer um comentário sobre a harmonia de um casal que canta a Vida com entoações diferentes, mas em harmonia cordial. A seguir o jantar abundante. Não deu para descansar um pouco. Mas sim, deu para experimentar a mão de Deus sobre nós, sempre atenta aos que sofrem, aos que se unem de mãos dadas e firmes na Fé. Tantos atributos que damos a Deus, mas cada um é saboreado a seu tempo.

Depois do ano, foi a debandada: professores, educadoras, amigos da Casa e alguns tios, foi o destino de acolhimento. Dois já regressaram. Foram para Inhambane. Estamos cinco em Casa, a descansar finalmente, quanto é possível e até ver. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Natal

O nosso Natal foi vivido em família com muita alegria, feliz comunhão entre todos e paz abundante.

O Bita, com o seu jeito para a decoração, foi ao sótão e descobriu muitos efeitos de luz, que o Jumbo nos tem dado ao longo dos anos, e pôs a brilhar, durante as primeiras horas da escuridão, as árvores e as paredes frontais da nossa Casa.

Com outros rapazes construiu um grande e engenhoso presépio, com uma gruta feita de uma enorme raiz de eucalipto meio queimada que encontrou no monte da lenha, sob a qual colocou as tradicionais figuras de animal e as imagens da Família de Nazaré.

A vida da cidade e do campo, daquele Tempo, vê-se com realismo nos montes cobertos de musgo e nas estradas de grvilha branca.

Encheu de luzes e ramos verdes todo o cenário envolvente, atraindo assim não só os rapazes pequenos mas, também, todas as pessoas da Casa e fora dela!

— *Vimos ver o presépio.* — Exclamava um casal amigo, fiel visita natalícia sempre com uma sacrificada ajuda.

A sala de jantar, permanentemente decorada com o que lhe é próprio, assumiu, nesta quadra, um esplendor de rara beleza, não só pelo pinheiro real, que chega ao teto, brilhando em luzes alternadas de todas as cores mas, também, pelo embelezamento dos candeeiros e quadros do quotidiano.

Micá e Rodrigues enriqueceram a cozinha com os mais variados e caprichosos doces, preparados na antevéspera do grande dia.

As mesas, enfeitadas cada uma com o seu magnífico centro de flores, uma vela larga colorida, a loiça de barro e copos de vidro engalanados de guardanapos festivos, cantavam por si a alegria que em todos espontaneamente aumentava.

Transferimos o espectáculo da noite para a tarde do dia de Natal, com o programa quase idêntico á da festa de Palmela, mais algumas críticas para rir; o brilho da nossa banda e a gruta com personagens vivas — onde a Ana, o Hugo e a sua filha — trouxeram à nossa contemplação o Menino, a Sua Mãe e São José.

A Missa do galo, cuidadosamente preparada, brilhou com o cântico dos salmistas e do coro, as leituras, irrepreensivelmente declamadas, e o beijo à imagem viva de Jesus, na pessoa da referida filha do casal, tornou a celebração um verdadeiro encontro com a realidade transcendente.

A grande falha foi a falta de preparação espiritual dos Rapazes. Ainda planeámos um Retiro e reservámos para isso a nossa casa da Arrábida, mas à última da hora verificámos a sua impossibilidade.

Alguns rapazes, comigo, fomos confessar-nos à igreja de São Sebastião mas muito poucos. Este sacramento é diametralmente oposto à sedução do mundo de hoje e não há ainda muitos rapazes decididos a seguir, na sua vida, o exemplo de Jesus. Mesmo assim, no meio da grande azáfama que o Natal sempre nos traz, ainda lhes pusemos a mesa de Deus, ficando a chorar por serem tão poucos os ouvintes do convite. Nunca sabemos como Deus chega.

Não ficamos só no queixume; sabemos bem que a juventude de hoje é a classe mais agredida por esta mentalidade pagã reinante e a mais desamparada. Na próxima Quaresma voltaremos à Arrábida com mais calma, mais silêncio e melhor ambiente.

O Natal trouxe-nos também vivas recordações, com as ofertas de pessoas que muito nos consolaram. Assim os trabalhadores da Secil: «Nesta época, mesmo havendo empregos temporários, muitos de nós angariamos alguns mimos para os nossos gaiatos: — 600 euros».

Comprometidos diante de Deus com o bacalhau, os frangos, o azeite, os presentes e donativos pecuniários bem sacrificados, não faltaram; mas diminuí muito a falange dos peregrinos à nossa Casa, neste tempo natalício. □